

ELSINORE

FINALISTA DO
NATIONAL BOOK
CRITICS CIRCLE
AWARD

*Maria
Tumarkin*



AXIOMÁTICO

«Uma obra de enorme poder e beleza que faz ruir
todos os expedientes da narrativa ficcional,
da reportagem e do ensaio.»

The Guardian

ÍNDICE

11

o tempo cura todas as feridas

—

57

aqueles que esquecem o passado
estão condenados a re-----

—

83

a história repete-se

—

139

dai-me a criança durante os seus primeiros
sete anos e eu dar-vos-ei a mulher

—

193

nenhum homem pode banhar-se
duas vezes na água do mesmo rio

—

211

Agradecimentos

—

o
tempo
cura
todas
as
feridas

Durante cinco anos, a Frances só escreveu sobre a irmã. Houve um tempo em que tinha sido boa a fazer humor seco. Para onde foi esse tempo, e o sarcasmo? Ela tinha 17 anos, a Katie, 16. A mãe costumava vesti-las de igual: vestidos de ganga, na maior parte das vezes. As pessoas pensavam que eram gémeas.

No 12.º ano, na disciplina de Inglês, a Frances escreveu *quando entrei no quarto dela naquela manhã, pressenti que havia qualquer coisa terrivelmente errada. Estava numa posição estranha, que desafiava a gravidade.*

Um ano depois, na universidade *inclinada para a frente sobre os joelhos, incrivelmente quieta. Pensei que ela tinha adormecido, na diagonal...*

A determinado momento, a propósito de um texto de final de semestre, no ano seguinte

o cabelo caía-lhe sobre o rosto, escondendo a verdade. O seu corpo estava coberto de veias azuis salientes, apertando-se em torno do seu jovem corpo.

Cinco anos passados, algo mudou. Certas perguntas — Porque me teria ligado a pedir que a acordasse? Porque queria ela que eu a encontrasse? E a mais importante de todas: Foi deliberado? — já não viviam na boca da Frances. Ela conseguia senti-las a transformarem-se em afirmações.

ELA QUIS QUE EU A ENCONTRASSE
FOI DELIBERADO

Passam mais cinco anos e a Frances já não precisa de falar tanto sobre isso, talvez apenas com algumas pessoas, uma vez por outra.

Sabe que filmes evitar e que não é preciso andar sempre em volta do assunto com as irmãs. Será que o pai estava com vontade de ter uma conversa de família quando brindou «À Katie», no décimo aniversário, e todos ergueram os copos? É possível. Há de lhe perguntar.

Encontro-me com a Frances no início da transformação. A morte da Katie já não lhe oprime o peito a toda a hora, levando-a a lutar pelo fôlego, de joelhos contra as costelas. Estava tão perdida quando me conheceste, dir-me-á mais tarde, tão confusa, tão jovem, completamente embrenhada naquilo.

Encontramo-nos e pergunto à Frances sobre as caçarolas¹. Toda a gente sabe como é com as caçarolas. Alguém morre e as pessoas — pessoas próximas, queridas, e até completos estranhos, alguns apenas a picar o ponto — convergem à porta do morto com as caçarolas. E o modo como as caçarolas aparecem e também subitamente desaparecem, traz à memória, semanas mais tarde, é verdade, bandos de pássaros que se precipitam em queda e depois partem repentinamente noutra direção. Nessas semanas, por vezes — embora nem sempre — meses, a família dessa casa, *independentemente de quem esteja lá dentro*, é enterrada sob uma intensa concentração de lancinante e desesperada atenção humana. Depois, pára. É difícil saber o que é pior, embora as pessoas com quem falei antes da Frances — pessoas que outrora se encontraram elas próprias na posição de recetoras de caçarolas — pareçam preferir o pós-caçarola. Dentro de um elétrico que atravessa a Elizabeth Street, falamos sobre as semanas a seguir à morte da Katie.

— *Que período?* (ela tem dificuldade com o meu sotaque; o elétrico faz muito barulho)

— O período da caçarola.

— Ah, adorei. Gostava que tivesse continuado, que tivesse durado muito mais. Gostava que estivéssemos agora no período da caçarola.

¹ Nos países anglo-saxónicos tem-se por hábito levar comida às famílias que estão de luto, de modo a retirar-lhe a preocupação e o trabalho de prepararem refeições num momento difícil. Devido à facilidade de preparação e de reserva, as caçarolas com guisados são as refeições mais comuns. [N. T.]

Ter toda aquela gente em casa, e até a falta de espaço que havia para as flores, eram para a Frances a o oposto de estar completamente só. «E depois», diz ela, «as flores morreram. E as pessoas partiram. E não tínhamos com que preencher o vazio.»

Texto de escrita criativa do 12.º ano da Frances, entregue vinte dias após o suicídio da Katie:

Nunca esquecerei o hálito da sua boca. Consigo ainda cheirar o seu último suspiro.

Uma escola com cerca de 550 alunas do ensino básico ao 12.º ano é uma escola pequena. A Ann deu aulas nessa escola durante 21 anos. Foi professora das quatro irmãs. (Outrora havia quatro irmãs. «Quatro é especial, três, é vulgar», diz a Frances.) Em duas horas de conversa, a Ann — serena, uma professora à séria, tenaz, mãe não sei de quantos rapazes, atualmente na reforma — só fica visivelmente perturbada uma vez. Por que motivo não consegue conter as lágrimas quando a conversa nos leva aos trabalhos de escrita criativa daquele ano: o texto da Frances e dois textos de outras raparigas, uma delas residente numa unidade psiquiátrica, ambas da turma da Frances? «Suponho que seja pelo facto de eu ter sabido o que se passava. Isto são coisas que elas não contam aos pais. Nem aos amigos, nem aos psiquiatras. São coisas que apenas contam a si mesmas.»

Uma coisa curiosa sobre chegarmos a este mundo vindos algures do Leste Europeu (não que importe muito que algures é este algures) é que as palavras não parecem ter tanto poder no mundo da Austrália a que chegámos. O que não tem qualquer problema, na verdade. Já estamos em paz com isto, aceitámo-lo, quase com gratidão, porque considerámos a alternativa, bem conhecida (por nós) — um mundo em que os poetas e as respetivas famílias eram perseguidos e assassinados pelo facto de as suas palavras terem demasiada importância —, um mal ainda maior. Mas talvez me tenha enganado acerca deste novo mundo. Olhado para os sítios errados, talvez. Não estava a olhar para as raparigas e rapazes que escrevem sobre o que lhes é mais íntimo e sobre aquilo que decidiram ser impossível de tratar pela linguagem, entregando os seus batimentos cardíacos como

trabalhos de casa, enterrando-os sob montanhas de frases cheias de dúvidas firmemente riscadas, esta transação ultrapassando a economia escolar da palavra-por-notas, pois o que está a ser trocado, ilícita, veladamente, são segredos e confidências e perguntas, e dor de alma. E os professores, que carregam as palavras dos alunos dentro do peito — também não estava a olhar para eles. E mais ninguém sabe. É claro que ninguém sabe. «Uma pessoa diz aos miúdos do 11.º ano: se têm algo de muito especial para escrever, guardem-no para o 12.º», diz Ann. «Nessa altura, quando escreverem sobre uma verdade, ela transparece. E eles de facto guardam-no, a maior parte deles.»

A Ann é de baixa estatura e, por isso, aprendeu a usar roupas de cores fortes, desde o tempo em que dava aulas numa escola masculina. («Eles não te vão ver, vão simplesmente passar por cima de ti.») Aprendeu a nunca dar aulas sentada. Aprendeu que, com certos miúdos, fica-se com vontade de dar o número de telemóvel, independentemente do que dizem os regulamentos da escola; que, nesses casos, é preciso confiar na palavra do aluno, ainda que, por vezes, se acabe por vir a arrepender de o ter feito; que — e esta é a parte complicada/óbvia — não se pode ter medo dos miúdos.

A Frances não se lembra de nenhuma das disciplinas que teve no último ano do liceu, tirando as aulas de Inglês da Ann.

Nesse ano estavam a analisar o *Look Both Ways*, um filme sobre como viver é tropeçar na morte e no sofrimento, realizado pela falecida (na altura, ainda não) Sarah Watt, e que tinha como protagonista o marido, William McInnes. Alguém da escola conhecia o McInnes, pelo que o convidaram a vir falar aos 12.º anos. Depois, a Katie morreu e era demasiado tarde para mudar o programa da disciplina. No ano seguinte, o da passagem da turma da Katie para o 12.º ano, saltaram o *Look Both Ways*, em Inglês. A seguir à morte da Katie, a turma da Frances ficou em silêncio. Ninguém queria falar sobre o filme. No remanescente desse ano, teve de ser a Ann a falar. Disse à Frances para sair da aula sempre que precisasse: que se levantasse, deixasse a sala, apenas que não saísse do recinto da escola. Mas a Frances nunca se levantava. Deixava-se ficar sentada, diante

da Ann, com as lágrimas a escorrerem-lhe pelo rosto. Não se mexia. A Ann dava-lhe lenços. E continuava a dar a aula.

Numa outra escola de Melbourne, a Monique perdeu um rapaz do 11.º ano, de quem fora professora desde o 7.º. A Frances e a Monique não se conhecem. A Ann não conhece a Monique. A Monique não encontrou o corpo do Bryn. Outra professora ligou a contar-lhe. Quando essa professora voltou a ligar, para pedir o número de telefone de alguém, seis anos mais tarde, pela primeira vez desde a outra vez, o coração da Monique subiu-lhe à garganta. Encurralada pela memória, foi como se sentiu. Eis o que me conta a Monique sobre o Bryn – era o representante dos alunos do ensino básico, «um rapaz com um grande carisma», filho único, neto único, passou os primeiros anos de vida na Tailândia na companhia de monges budistas. Tão esperto que conseguiu despedir-se de toda a gente e fazer uma *playlist* para o seu funeral.

«Olha para mim, vesti o uniforme completo da escola» foi a última coisa que o Bryn disse à Monique. Ela já não o via de uniforme completo há três ou quatro anos. Não que isso fosse importante para a Monique. Mas era como se ele tivesse feito uma lista de tarefas. Como se estivesse a despachar coisas. O que é que estava na *playlist*? *Mad World (Tears for Fears)*:

HELLO TEACHER TELL ME WHAT'S MY LESSON?

LOOK RIGHT THROUGH ME²

Falo com a Monique e ela faz uma referência à caçarola. Diz, sou filha de um agente funerário, deveria ser uma daquelas pessoas que rapidamente liga o modo morte, deveria ser uma daquelas pessoas que aparece à porta da outra com a caçarola. «É impossível», diz ela, «não ficar a pensar: “o que acontece quando a caçarola deixa de vir?” As condolências das pessoas duram duas semanas, parece-me.»

O mundo pára de suster a respiração pela pessoa. Toda a gente regressa às suas vidas, mas a pessoa não o pode fazer. Neste momento

² Em português, «Olá, professora, diga-me, qual é a minha lição? / Nem sequer repare em mim». [N. T.]

é já óbvio que a Monique não é do tipo apreciador de caçarolas. Alguns dos seus amigos perderam entes queridos, e ela mandou-lhes flores duas semanas depois de toda a gente.

Possível descrição de uma vida humana: *salada*³ no nosso auge, caçarola quando tudo acaba. E para aqueles que deixamos cá, a eternidade do pós-caçarola.

A Monique aprecia a companhia dos adolescentes, a sua honestidade. Depois da morte do Bryn, postou-se perante os colegas dele sem conseguir encarar muito bem aqueles rostos. «Não consigo encarar-vos porque vou chorar», disse ela. «Estou tão perdida como vocês. Há uma coisa que vos quero dizer: quando estivermos no funeral, não julguem as reações das outras pessoas. Não digam que elas nem o conheciam, que não podem estar a sofrer. Não digam que elas não têm o direito de continuar com as suas vidas.»

Que difícil deve ser fazer o luto numa escola: toda a gente olha para toda a gente. Toda a gente, ou quase, é impossivelmente frágil. Os nossos amigos quebram-nos o coração mais vezes e com mais perícia do que os nossos inimigos. Não garantidamente, mas quase sempre, existem grupos, hierarquias, círculos íntimos, círculos alargados, círculos dentro de círculos. Houve uma disputa no ano da Katie sobre quem seria dono dela, agora que ela estava morta, sobre quem tinha o direito de estar devastado em público. Mais, quem estava encarregado de ir ao centro comercial Chadstone tratar da impressão a laser dos pendentos prateados com o rosto da Katie. E dos balões de hélio, cada um com uma carta presa ao fio, para serem largados numa praia suburbana. A Frances não se lembra de nada disto. Não se recorda sequer do funeral e obteve uma média muito boa no 12.º ano, é um facto, mas não faz ideia de como foi possível, diz ela, exceto — espera, não é como se tivesse sido ontem que tu e ela começaram a falar (este livro, a tua vida: enguiçados? um falhanço?), tenta lembrar-te.

³ Em inglês, *salad days*, expressão utilizada para referir os tempos de juventude e inexperiência. [N. T.]

Um texto que ela escreveu no ano em que se conheceram:
os robôs não procrastinam, não têm sentimentos, são máquinas feitas para trabalhar.

«Dás-me uma caneta?» Os textos da Frances estão espalhados à nossa volta. Dou-lhe uma caneta. Ela quer ler linha a linha todos os trabalhos escolares e da universidade que diligentemente imprimiu (todos eles sobre a Katie) para me dar. Quer cortar coisas. Quer que eu saiba que ela sabe que todos os textos são maus. «Tenho plena consciência de que a escrita é um ofício, eu adoro a técnica, o que funciona, o que não funciona. E estes poemas são chocantes.» Depois de «chocantes» diz «falsos». Estacámos no «falsos». Talvez não seja a palavra certa. O que ela está a dizer é que precisava de proteger a Katie. Não podia deixar as pessoas pensarem que a sua irmã era egoísta ou indiferente ao sofrimento dos outros. Queria que as pessoas soubessem que a Katie estava destrozada com o suicídio do namorado e não suportava que a culpassem disso. Eu digo:

– Quando pensas no livro que hás de escrever um dia, será de não-ficção ou vais ficcioná-lo?

– Não, não, detesto ficção. Tive muito más notas em ficção narrativa. A nota mais baixa que figura no meu diploma universitário. Comigo, é sempre não-ficção. Portanto, não serão apenas memórias em que eu me permito inserir questões mais profundas.

– Tais como?

– Tais como explorar a ideia dos segredos de família. E as relações. Como elas mudam. Interessam-me as mudanças de perspetiva. Mudanças de voz. A terceira pessoa. A primeira pessoa. Já tenho o título: *A Última Coisa Que a Katie Fez em Vida*.

Durante algum tempo, falo-lhe de livros que outras pessoas escreveram acerca das irmãs e dos irmãos, dos amigos e dos filhos que perderam. Quando nos conhecemos estes livros são raros, quase obscuros, uma pessoa já tem de ter ouvido falar deles a alguém e têm o poder da revelação: então, *existem* palavras não médicas para descrever isto, e isto acontece a famílias («Parecem uma família funcional, têm uma boa casa, isto é realmente estranho», disse um

polícia depois da morte da Katie) iguais às *deles*. E Charles D'Ambrosio tem o par sobressalente de botas da tropa do seu irmão Danny, aquelas com que ele morreu, cheias de pedras, na sua secretária; e John Niven, cujo irmão se enforcou, compara um suicídio a uma bomba nuclear, porque «provoca uma reação em cadeia com uma semivida incrivelmente poderosa». Depois, os livros multiplicam-se na cultura. Até que as histórias do suicídio parecem estar em todo o lado. E sob alguns aspetos, isso é bom, noutros, mau, e agora a Frances precisa de se proteger — não pode caminhar sobre brasas sempre que vai comprar caldo de galinha ao supermercado —, e paro com a minha ação de sensibilização literária.

Não é sobre ela desviar o olhar. Sobre escolher quando olhar.

Não tenho a certeza se escrever o seu livro ainda é uma questão em cima da mesa.

Na minha infância, as pessoas diziam que os miúdos mais bem-parecidos eram os de etnia mista. A Frances é eurasiática. E bonita, sim. Se não se importarem, deixo ao vosso critério a visualização da pele, dos olhos, das maçãs do rosto, do cabelo dela. Não quis dizer-vos isto logo de início, porque algo acontece quando vos dizem que alguém, especialmente uma mulher jovem, parece uma modelo de capa de revista. Sabemos pouco, mas de algum modo agora sabemos e estamos menos alerta, com menos fome de algo. De resto, seria errado escondê-lo de vós por muito mais tempo. A Frances achava que a Katie era a mais bonita de todas as irmãs. Quão bonita? A Katie não precisava de maquilhagem, nunca. «Deslumbrante, popular, imparável, envolvida em tudo; e, além disso, extremamente inteligente e engraçada. A humorista. A líder», diz a Frances.

«O Bryn», diz a Monique, «ficava amigo de todos quantos não faziam parte do grupo. Tornou-se óbvio depois da sua morte que ele tinha sido o pastor dos miúdos tresmalhados da escola.»

*

No dia a seguir ao namorado da Katie se ter suicidado — cinco semanas antes de ela fazer o mesmo —, a Katie passou o dia na segunda ronda de audições para o *Ídolos* australiano. Cantou na íntegra os elementos da tabela periódica enquanto dava mortais para trás. Não levou minimamente a sério o facto de ir ao programa e estar na televisão. Diz a Frances: «Ela queria divulgar as ciências junto da comunidade.» Riso na voz da Frances.

O namorado era, tecnicamente, um ex-namorado. Estiveram juntos cerca de seis meses. Ele era mais velho, já não andava na escola, não tinha um trabalho, os pais dela eram contra. Não sabiam das drogas. Ao que parecia, a relação era intensa. Os amigos recordam discussões a que se seguiam, minutos depois, juras de amor. A Frances diz que a Katie não o amava. «Quando tens 16 anos, queres lá saber se é amor verdadeiro; é o drama que te interessa.»

Numa noite de maio, a Katie e o namorado foram à festa de final do 11.º ano dela, e, a seguir, a Katie terminou a relação. Pouco depois, ele matou-se. Tornou-se do conhecimento público que a Katie foi última pessoa com quem ele tinha falado ao telefone. A família do jovem (mas não a mãe dele) culpou-a. O irmão mais velho chamou-lhe «assassina». No funeral, não permitiram que a Katie falasse. Não foi feita qualquer referência à relação deles, nem a ela, não deram espaço para o seu sofrimento. O suicídio do namorado destruiu a Katie. Logo depois, foi posta sob vigilância médica. Soube-se que, algum tempo antes de acabarem, tinham feito um pacto e que tentaram matar-se em conjunto. A Katie disse à Frances que não tentaria fazê-lo novamente. Disse: «Dou-te a minha palavra de irmã.» Depois, tentou enforcar-se numa das casas de banho da escola. Alguém a interrompeu; não levou a coisa por diante. «Teria sido absolutamente chocante se ela o tivesse feito na escola», diz a Ann. «As ramificações. Pode vender-se uma casa, seguir em frente, mas não se pode vender uma escola.»

Nas audições do *Ídolos* australiano, as câmaras seguem a Katie. Oito horas. Ela a entreter a multidão. Uma colega lembra-se de chamar a Katie: «E ela disse “olá”, e eu disse “estás nas audições?”, e ela disse

“sim, passei a primeira, vou ao júri daqui a poucas horas”, e eu disse “ah, sim”. E ela, tipo, “tu sabes que ele morreu”, e eu, tipo, “sim, disseram-nos esta manhã”, e eu disse “está tudo bem?”, e ela, tipo, “ah, sim.” Ela devia estar completamente em choque.»

A Frances diz: «As minhas irmãs eram a minha vida. Quatro irmãs: juntas. Quatro contra o mundo.» Ao longo da infância, as pessoas confundiam-na com a Katie — nunca conseguiu compreender porquê. Agora, quando olha para as fotografias da infância, por vezes tem de se esforçar para perceber a diferença. Mais: a voz. «Não gosto de ouvir a reprodução da minha voz porque pareço ela, tenho a impressão de que é ela a falar.» Uma semelhança gloriosa, verdadeira, unia as quatro irmãs. Uma amiga da turma da Katie recorda a irmã n.º 2 (a Frances é a n.º 3, a Katie, a n.º 4) a entrar na sala para o funeral: «Não conseguimos lidar com aquilo. Era como ver um fantasma.»

Algo estranho — «completamente fora», diz a Frances — aconteceu pouco tempo depois. Uma mulher, cliente habitual do café onde tanto a Frances como a Katie trabalhavam, era funcionária da Fremantle Media, a produtora do *Ídolos* australiano. O irmão dessa mulher suicidara-se algum tempo antes da Katie. Quando soube da Katie, a mulher voou para Sydney e cortou cada fotograma da Katie, a partir de oito horas de filme, e enviou a cassete para a Frances e a família. A Frances viu a cassete uma vez e não mais lhe tocou nos cinco anos seguintes. «A pessoa naquela filmagem não era ELA. Está a comportar-se de forma um bocadinho estapafúrdia. Estava a tentar chegar ao final do dia.» A irmã n.º 1 (seis anos mais velha do que a Frances) viu a cassete todos os dias durante aquele primeiro ano.

*

O Bryn não tinha irmãos, mas tinha muitos amigos, e o S. tinha sido o seu melhor amigo desde que fora para a escola de Bryn, no final do 7.º ano.

«A mãe do Bryn ligou-me a dar a notícia. Ou o pai. Um dos dois.

Domingo de manhã. Eu estava na cozinha a beber um chá. O telefone toca e eles dizem-me que o Bryn foi encontrado morto. Uma conversa curta.»

Num pequeno parque sob uma grande árvore, o S. e eu falamos calmamente e, ao ouvir a gravação da conversa no meu telemóvel, os pássaros e as crianças fazem mais barulho do que nós.

Os pais do S. estavam fora. Ele ligou à avó. Ela veio ter com ele. Depois disso, há uma espécie de nevoeiro, especialmente nas primeiras semanas. Não tinha de ir à escola, mas foi. A escola era um bom lugar para se estar. Os amigos e alguns professores zelosos estavam lá. O único momento desse ano em que se sentiu desiludido e zangado foi no discurso final, quando o diretor não fez qualquer referência ao Bryn. No ano seguinte, a turma do Bryn seria finalista, e foi pedido à Monique que falasse no jantar de despedida. «Eu sabia que, naquela altura, a escola queria que tudo aquilo fizesse parte do passado», diz ela. «E detesto falar em público. Levantei-me. A sala era grande e estava muita gente. Disse, aquilo que faço realmente bem é estar no sítio certo à hora certa, e penso que estava no sítio certo à hora certa quando perdemos o Bryn. E a sala ficou em silêncio. E as pessoas acenavam com a cabeça. Eu sabia que tinha feito a coisa certa, ao dizer alguma coisa.»

Eram uma turma especial, diz o S., excepcionalmente próximos. Nos primeiros anos depois do que tinha acontecido, um grupo juntava-se no dia de aniversário do Bryn. Às vezes, organizavam um piquenique no campo, no local em que as suas cinzas foram espalhadas, falavam do Bryn, estavam juntos. «Eu dizia aos miúdos: nós somos diferentes, partiram-nos o coração, nunca o faremos a ninguém», diz-me a Monique, «lembrem-se do que estão a sentir.»

O S. dá aulas de Inglês e Humanidades no liceu. «Não vejo grande ligação entre a morte do Bryn e a minha decisão de ser professor.» Olho para ele, incrédula. «Estou somente a tentar tornar-me disponível», diz ele. «Para que seja fácil aos alunos virem ter comigo e falarem. Tornar-me disponível.» Não insisto na questão. Já é bom ele estar ali e sabê-lo.

Quando os miúdos perguntam à Monique acerca de um rapaz que se matou há uns anos, ela conta-lhes. Imaginemos que alguém entra na sala de aula e, impertinentemente, anuncia: «Quero matar-me.» Os outros murmuram: «Chiu, não digas isso à frente dela.» Os alunos que a conhecem sabem.

Para onde quer que se olhe, veem-se buracos — cadeiras vazias, secretárias abandonadas, ausências em listas de turma. Cacifos: os olhos do S. costumavam esbarrar no cacifo do Bryn a toda a hora. Tentar esquecer, como é que se pode esquecer? E, no entanto, não houve espaço para aquele suicídio na memória institucional da escola. Sendo o estudante um dos representantes dos alunos, talvez fosse possível colocar uma placa ou outra coisa igualmente discreta. Sem qualquer alusão à causa da morte. Uma escola que eu conheço mandou plantar um roseiral por insistência de certos pais. Um roseiral flutuando no recinto escolar, sem qualquer explicação para a sua razão de existir, um significante silencioso, fragrante.

*

«Lisa», pergunto eu — foi com a Lisa com quem falei em primeiro lugar sobre as escolas que perdem os seus alunos, sobre querer escrever sobre isso; agora somos amigas —, «o suicídio é a pior coisa que pode acontecer a uma escola?»

«A escola é uma instituição, mas parece-se com uma família», diz ela. «*In loco parentis* — em lugar dos pais. Quando há um suicídio, os danos para a escola são irreparáveis, tal como o são para a família. A escola passa a ser assombrada pelo suicídio, tal como a família. Tal como na família, uma pessoa dá por si a perguntar-se: “O que é que não conseguimos fazer?”, “O que é que não conseguimos ver?”, “O que é que deveríamos ter dito?”, “Como?”»

«Mas, Lisa, como pode a escola manter os espíritos jovens a salvo?», digo eu. «Eles não se conhecem a si mesmos, não sabem que a morte é definitiva, estão em ebulição, e a maior parte das vezes não pedem ajuda. Que instituição pode responder a este tipo de necessidades?»

A Lisa ainda dá aulas de Inglês e Literatura, mas não a tempo inteiro, e já não na escola de Bryn. Pinta, escreve, tem uma banda, parece quinze anos mais nova do que é. (Também não precisa de maquilhagem, como a Katie.) Responde: «No livro de ensaios de Raimond Gaita, há um excerto de uma carta de Anne Manne, na qual ela diz ao seu estimado amigo, Rai, que para encarar realmente a tragédia do suicídio da mãe e as suas consequências para o resto da vida, ele deveria ser capaz de ter compaixão por si mesmo em menino.»

Compaixão. A palavra surpreende-me.

«A escola deve ser capaz de ter essa compaixão por si mesma», diz a Lisa. «Essa capacidade de perdão.»

Em minha casa, tiro o *After Romulus* da estante, o livro de Gaita, e releio a passagem em que ele cita parte da carta, dando depois consigo a lembrar-se de uma coisa que escrevera outrora: «*Para os gregos, a compaixão não tinha as conotações de condescendência que a palavra tem hoje muitas vezes para nós. Remetia para uma benevolência dorida, totalmente pautada pelo assombro ante a nossa vulnerabilidade face ao infortúnio.*» Nesta última escola», diz a Monique, «disseram-me que o representante dos alunos se matou na véspera do último dia de aulas. De que forma sentiriam falta dele? De que forma sentimos falta dele?»

A compaixão e o perdão nada têm que ver com a pujança retumbante dos clichês: espírito inquebrantável, estamos juntos, ultrapassar a adversidade, reconstruir, valores comuns, visão para o futuro. A palavra «comunidade» parece seca, como se tivesse saído de um pedido de financiamento.

Na escola do Bryn, Stephen, um rapaz do 10.º ano, matou-se anos depois do suicídio de Bryn. Pôs-se à frente de um comboio, numa estação próxima. Já não são muitas as pessoas do tempo do Stephen que continuam na escola, mas a Amanda, que dava aulas de Italiano e foi despedida na fase pré-Bryn, estava lá quando o diretor, entretanto falecido, reuniu as turmas do 10.º ano e disse: «É egoísta e importuno da vossa parte entristecerem-se. Pensem nos pais do Stephen».

As entranhas de Amanda revolveram-se quando ouviu isto. Alguns destes miúdos, a quem fora dito que era egoísta sentirem alguma coisa, eram amigos do Stephen, e outros tinham-lhe feito *bullying*, chamaram-no «cão raivoso» na plataforma da estação a caminho de casa, na noite anterior ao seu suicídio.

«Tive de ir à estação de comboios. Ficar na plataforma. E pensar, o que é que uma pessoa não deve sentir para fazer aquilo? Tive de observar um comboio a aproximar-se», diz a Amanda. «Tentar exorcizar a imagem horrível que tinha dentro da cabeça.»

De regresso à sala de aulas, falou. «Não é da minha competência, mas devo dizer-vos: é claro que vocês estão a sofrer. Têm todo o direito de sofrer.» Foi depois ter com o diretor, disse que o que ele tinha dito não estava bem. Quão o diretor a detestava! Mais tarde, ver-se-ia livre dela, mas desta vez não podia rebatê-la. Voltou a reunir os décimos anos. Disse: «Cometi um erro.» Tinham permissão para sofrer.

Quando o Bryn pôs termo à vida, havia um novo diretor na escola, um que não tinha medo do sofrimento: do dele próprio, do dos outros. Nas aulas de apoio, os professores leram em voz alta um depoimento factual, não eufemístico, sobre o que tinha acontecido. A Lisa, que estava lá, sente que isso ajudou. Ninguém, depois disso, andava pelo pátio da escola a perguntar-se por que motivo havia grupos de miúdos aflitos a chorar. A Lisa atribui esta viragem ao antigo diretor, um dinossauro que ganhou consciência e acabou por renegar partes da sua dinossáurica formação. E também fora dos portões da escola a cultura começava a mudar. Não era apenas um bocadinho de tabu que cedia à erosão a cada ano que passava. As coisas estavam a mudar a passos de gigante. Um guia para as escolas australianas, editado pela psicóloga Mardie Whitla, retirou o suicídio da pilha das tragédias/crises genéricas. O suicídio era a sua própria crise, ganhou o seu próprio capítulo. O livro de Whitla esteve à frente do seu tempo em termos de pensamento. *O seu tempo* foi 2003 — nesta história, cada ano conta. Para as escolas, estava em jogo algo maior do que a sobrevivência institucional. Cérebros adolescentes em desenvolvimento, falta de controlo sobre

os impulsos, pressão dos pares, pactos suicidas, perigo de ajuntamento e contágio, noções românticas sobre a morte — que outra instituição tem de lidar com uma combinação destas? Cada uma destas coisas é real. O que se obtém quando as associamos é real. «Não se pode fingir que nada aconteceu», diz-me Mardie Whitle. «O diretor precisa de se responsabilizar. Os pais precisam de saber o que é que a escola planeia fazer.» Os pais dos vivos, quer ela dizer.

Lutar contra o secretismo. De toda a escola que se sente só, cercada, angustiada com o facto de ter sido perturbada pelo sofrimento incontrolável dos alunos — como acontece especialmente nas escolas privadas mais caras —, fazendo com que um diretor tendencialmente conservador considere justificado chamar à atenção miúdos que não conseguem deixar de expressar as suas emoções egocêntricas. Assim, a morte da Katie ocorreu num período estranho de sofrer-é-OK, em que o suicídio tinha deixado de ser uma nódoa que a escola deveria esconder, para ser mais como uma cicatriz, que dói, mas que não prejudica a imagem, tal como com a morte do Bryn, que, embora tivesse acontecido alguns anos antes, ocorrera também numa altura em que se tendia relutantemente a não limpar (freneticamente) a reputação da escola. Sofrer era legítimo. No entanto, requeria «gestão».

O fio condutor desta «gestão» percorria todas as diretrizes do departamento de saúde federal promulgadas três anos depois do livro de Whitle, e, olhando para a linguagem do início do século XXI — *todas as escolas deverão facilitar a participação adequada em expressões de condolências, MAS e outros becos sem saída* —, é evidente quanto ela perpassava o desconforto sentido relativamente à hipótese de contágio do suicídio. E o pavor: o pavor de um sofrimento prolongado.

(E relativamente ao modo como o sofrimento deveria ser gerido, vejamos: canalizando-o para uma compreensão renovada do carácter precioso da vida humana. Combatido pelas rotinas da vida escolar. Validado, mas sem espaço para ser aprofundado ou para se afirmar a sua não transitoriedade. Apoio psicológico — sim. Bandeiras a meia

haste, altares votivos, concertos especiais, fotos do aluno falecido colocadas nas paredes — não.) A ressaca de um suicídio era um vislumbre de um outro mundo de humanos sem pele, e precisava de desaparecer com a mesma rapidez.

É possível começar o percurso numa escola de murmúrios e rumores, terminá-la numa escola em que a transparência é total, e entrar num mundo em que a manchete AS HISTÓRIAS DOS SOBREVIVENTES DO SUICÍDIO DEVEM SER CONTADAS, DIZ O RESPONSÁVEL PELA SAÚDE MENTAL DA AUSTRÁLIA não surpreende minimamente.

O mais importante para as diretrizes do mundo novo é isto: «O suicídio não deve ser transformado num assunto proibido, os alunos devem ser autorizados a falar.» Certas coisas nas diretrizes, «Não fornecer pormenores acerca do método utilizado no suicídio ou na sua tentativa», estão como sempre estiveram.

Depois de um suicídio, a escola pode desesperadamente querer fazer o que está certo — seja esse certo o que for — pelos alunos mais afetados, mas o seu dever de cuidar abrange todos os alunos e, por acréscimo, as suas famílias. A Lisa estima que, depois da morte do Bryn, entre 10% a 15% da população estudantil estava devastada; o resto estava em choque, mas não em choque profundo e «mais ou menos capaz de pôr isso de lado». A tensão entre o cuidado devido a estes 15% e àqueles 85% estará provavelmente sempre presente. Esta tensão será até definidora da escola enquanto instituição. Os 15% precisarão sempre de coisas diferentes das que necessitam os 85%, e, de igual forma, as necessidades dos 85% não são de todo idênticas, e, entretanto, já os professores dão os seus 100%, e...

Uma série de alunos da turma de Italiano da Amanda estavam com problemas porque tinham familiares doentes. O suicídio de Stephen levou toda a gente ao limite. A Amanda apanhou dois à pancada. Este era o tempo em que os professores falavam aos alunos sobre o que tinha acontecido, professores que se disponibilizavam dia e noite para ajudar os miúdos que viam aflitos, porque

consideravam imoral deixar a conversa nas mãos especiais de especialistas especialmente bem treinados que punham em risco os seus empregos. Ela entrou, e um rapaz, cuja mãe estava a morrer, brandia uma cadeira. A Amanda levou o rapaz para fora da sala de aula. «Caiu-me nos braços e começou a chorar.» Ela não disse nada, limitou-se a abraçá-lo e voltou para dentro. «Ouçam, temos de lidar com isto», disse à turma. «Não digam a ninguém, mas se no final do ano puderem mandar vir uma pizza, limonada e gelados, passo-vos a todos.»

Um outro rapaz daquela turma tinha perdido a irmã.

«O que é que tu queres?», perguntou-lhe a Amanda.

«Quero que eles falem comigo.» Desde que a irmã dele morrera, as pessoas tinham andado a evitá-lo com o olhar.

«Estás preparado para responder às perguntas que eles te queiram fazer?»

A Amanda pô-lo em frente da turma. Durante o remanescente daquele ano, tudo o que fizeram foi falar.

Amanda, muitas pessoas adequadamente qualificadas repreender-te-iam, diriam: «Foram os psicólogos da escola que a aconselharam a tomar essa linha de ação radical?» Não. «Acompanhou a situação, assegurando-se de que cada aluno tinha apoio psicológico individual a longo prazo? Incluiu a família e outros professores? Considerou as consequências de os alunos estarem a perder experiências educativas e a falharem os respetivos resultados?»

Não. Não. NÃO; uma pessoa está sozinha e sem ajuda, e estes miúdos estavam a enlouquecer com a dor que sentiam, dentro de si e dentro das entranhas uns dos outros (onde vive a dor?), e uma pessoa não podia fingir. Quem seria o primeiro a atirar-te uma pedra, Amanda?

Uma amiga minha que dá aulas na periferia de Melbourne perdeu recentemente um aluno, um rapaz de 14 anos chamado Lachlan:

Eu estava deserta para me tornar agressiva, queria dizer aos miúdos: vocês só têm uma vida, não são três, como as dos

heróis dos videogames que vocês jogam — eu queria que eles assinassem um contrato. Mas, aos professores, não era permitido estarem ali para os miúdos. No entanto, os miúdos estavam desejosos de falar. A escola estava a contratar psicólogos. O que é que eles iam fazer? Não conheciam os miúdos. Não conheciam o Lachlan. Diziam que era uma questão de saúde mental. Acho que não era só isso. Na sua página de Facebook, escreveu que não tinha o problema que é suposto ter-se no início da escola — deixar os amigos para trás — porque não tinha amigos na escola primária. E recebeu 150 comentários nesse seguimento porque muito miúdos compreendiam o que era não ter amigos.

Quando uma escola passa a estar em modo silencioso — ainda acontece, todas as escolas infelizes sê-lo-ão sempre, cada uma à sua maneira (OU: apenas as escolas felizes são todas iguais) —, não só se fecha em si mesma, como confia excessivamente em estranhos. Nos psicólogos, nos especialistas. Teme que os alunos e os professores falem uns com os outros. Mas porquê impedi-los? Não funciona. Não funciona, não, embora seja um erro estar muito confiante de que sabemos o que funciona. Por onde começar a prevenção, por exemplo?

Caras crianças, percebam isto, muitas vezes a morte é absurda.

Caras crianças, algumas de vocês irão encontrar dentro de vós as mesmas grandes reservas de raiva e tristeza.

Caras crianças, os adultos que vocês conhecem, os vossos bastiões de segurança, esforçam-se por manter a compostura.

Caras crianças, não se preocupem muito com estranhos ou com terroristas que vos querem magoar ou matar, estatisticamente, e segundo qualquer outro critério, o vosso maior problema é a vossa família.

Já falei para pais perturbados, ou pior, pelo facto de os seus filhos serem arrastados, por mandato externo, para bem-intencionados programas de prevenção-de-algo em âmbito escolar, de turma, em que os alunos foram informados acerca da morte ou do sofrimento

de miúdos com quem não tinham qualquer relação, e depois obrigados a participar em rituais e atividades que, na melhor das hipóteses, eram absurdas, provocando-lhes esta experiência sentimentos de desconforto e de preocupação. Alguma melancolia. Ou, simplesmente, tédio.

Certa vez, uma rapariga abordou a Amanda. «Porquê falar *comigo?*» A Amanda não estava a fazer-se de desentendida. Queria mesmo perceber. «Porque», disse a rapariga, «pensei que não ficaria chocada». O que é preciso fazer para não se ficar chocada? A rapariga estava a ser abusada por um familiar. A Amanda considera que os professores devem ter acesso aos factos e às estatísticas, preto no branco, durante a sua formação profissional. «Quando eu dava aulas», diz a Amanda, «conhecia as estatísticas do abuso sexual, pelo que entrava numa sala e dizia para mim mesma: “Aqui são cinco; quem serão eles?” Às vezes, uma pessoa consegue detetar logo quem são os cinco. Eu costumava perguntar aos professores novos: Conheces as estatísticas? Como é que é possível que ninguém vos informe acerca disso?»

O S. diz que nada do género fez parte da sua formação profissional.

Na verdade, devo dizer mais: as escolas de hoje, apesar de terem o objetivo sincero de proteger os estudantes do perigo, são estruturalmente incapazes de o fazer a 100%. É da natureza das coisas. É da natureza da natureza humana. É da natureza da adolescência e de se meterem adolescentes em massa numa instituição. Demasiadas sardinhas numa lata com uma anilha. É no que dá ser jovem («demasiada personalidade e pouca ou nenhuma experiência», como notavelmente escreveu Inga Clendinnen) e nem sempre compreender onde começa o abuso, é no que dá não ter um mapa do território nem uma lanterna decente. Outra coisa: o espaço entre o aluno e o professor não pode ser totalmente isento de perigos. O poder sobre outrem funciona assim, não é alquimicamente maleável, há sempre uma zona cinzenta, uns 0,5%, uns 0,005%. Sexo. Não precisa de ter que ver com isso. A coerção é muitas vezes um lobo em pele de cordeiro, quando se é jovem.

Amanda, pergunto eu, depois de teres saído da escola, acabaram-se as complicações?

*

Estava a trabalhar neste livro e passou um ano, depois, dois, em seguida, outros dois (lutei em vão para não me desviar do rumo), e durante todo esse tempo nunca me lembrei de ser aquela pessoa que categoricamente não gosta de escolas. Mas os meus filhos fizeram por me relembrar. Mãe, tu detestas a escola. Ah, pensei, a escola põe-me maluca, como é que me fui esquecer disso? Talvez a tragédia fizesse alguma coisa à escola, lhe revelasse uma camada que eu nunca antes soubera que ela tinha.

Na Ucrânia, andei na escola Número 36 durante oito anos; quando viemos para a Austrália, tentei dois liceus em Melbourne. Não há muito a dizer, apenas que não consegui suportar nenhuma das três escolas em que andei. Não vou agora fingir que adoro a escola. Não. Há a frequência obrigatória durante anos, sem um horizonte. Reminiscências da tropa: andar em fila, a obsessão pela farda. Ter de levantar o braço para ir à casa de banho. Atravessar o pátio e ouvir grupos a falarem sobre festas para as quais não fomos convidados. Programas pouco pensados, ou demasiado pensados e equivocados. É a primeira tomada de consciência do ror de recompensas que o cumprir regras e a boa aparência trazem. E por cada Monique, Ann ou Amanda, há dez professores assim-assim ou dez com quem uma pessoa não terá qualquer relação. Isto se as coisas correrem bem e houver segurança, se não existirem gangues nem psicopatas em potência a controlar a escola, nem professores predatórios, nem ávidos instigadores de racismo ou de homofobia, nem traficantes a oferecer cristais e pó com descontos de rua, nem *trolls* que não descansam senão quando as suas vítimas se adaptam à posição fetal nos seus quartos de dormir ou se automutilam.

Nesta combinação entra também a «idade mental» de uma pessoa, segundo o que me disse David Rakoff — eu, que podia ter tido

15 anos contados pelo calendário quando vim para a Austrália, mas que psicologicamente me sentia mais perto dos 39, ainda estava a décadas do estado de graça definido por Rakoff como o tempo «em que o exterior e o interior estão sincronizados, e o corpo e a mente tão perfeitamente ligados como nunca antes ou depois». (O cancro ceifou Rakoff aos 47 anos. A sua idade mental? Entre 47 e 53, achava ele.) Algumas pessoas, possivelmente muitas pessoas, são muito boas a ser crianças. Eu: nem por isso. Nada de especialmente terrível aconteceu. Apenas: a falta de poder, a falta de escolha, a dependência, ter sempre de fazer as coisas como alguém queria que elas fossem feitas. Não via a hora de acabar. Acabou. Avanço a passo de ganso para a minha meia-idade (quase escrevia «Idade Média»), e agora é a vez do meu filho (a minha filha já se desembaraçou), e depois, se os deuses quiserem, será a vez dos filhos deles. Observar o processo é uma tortura por si só.

A Frances detestou *sair* da escola. O que foi horrível foram os seus primeiros anos de faculdade. Na escola, ela sentia que tinha apoio, estava segura, rodeada de pessoas que a conheciam e se preocupavam com ela, depois, na universidade, os miúdos embebedavam-se e celebravam o desamparo. Ela sentia já ter passado por tudo isso antes — antes da Katie. Em três anos de universidade, a Frances não fez um único amigo. Mais tarde, inscreveu-se num mestrado, e isso correu melhor, conheceu pessoas com quem tinha coisas em comum. Quero dizer, também eu me senti muito sozinha ao longo do meu curso universitário. Não lhe falo da solidão que senti durante os meus anos de escola.

*

Quando um professor diz: «Hoje vamos falar de Antígona» (aconteceu à Frances) — quem prestaria atenção, se a sua irmã se tivesse enforcado um mês antes?

Ou talvez seja perante a morte que a escola faz o maior sentido.

A Mildura Secondary College — cuja população estudantil é de oitocentos alunos — perdeu seis miúdos e abriu as portas a toda

a gente, exceto à escumalha que anda de câmara na mão («escumalha» é a imagem com que as pessoas ficaram dos jornalistas que ocorreram ao local). Uma carrinha, ao fazer a curva, foi contra um grupo de adolescentes. A Barb, uma professora que eu conheço, foi ao hospital visitar uma das sobreviventes e, incrustados nas costas dessa rapariga estavam 96 bocados de gravilha, que ela haveria de guardar depois num frasco. Os estudantes estavam na berma da estrada, a caminho de uma festa.

A tragédia teve lugar a um sábado. Todas as escolas da região fri-saram que havia aulas na segunda. Os antigos alunos, os amigos de outras escolas, os pais dos alunos que morreram foram instados a vir nessa segunda. O bar da escola foi transformado numa sala de luto. A escola ajudou a organizar os funerais dos miúdos cujas famílias não tinham grandes relações com a igreja. O capelão da escola realizou as cerimónias. Nas semanas e meses que se seguiram à morte do Shane, da Abby, do Stevie-Lee, da Cassandra, do Cory e da Josephine, a escola tornou-se o centro de um mundo em desagregação — o centro que não cede. Foi em 2006. Anos depois, é como se algo se desprendesse das palavras da Barb, uma partícula, a intemporalidade.

Penso nas enfermeiras que não estavam a trabalhar e que ligaram umas às outras, que deitaram os filhos e foram para o hospital nessa mesma noite, para ajudar a lavar os corpos antes de os familiares os poderem ver. Penso na forma como nós, professores, encarámos os outros miúdos naquela primeira segunda-feira de manhã e fizemos a chamada, os nomes dos miúdos que tínhamos perdido ainda ali. Penso nos *media* e em como foram impiedosos, e no diretor, que se dirigiu ao campo de críquete para mandar os repórteres de imagem sair da nossa escola. Penso em quão feliz estava por termos um recinto tão grande para o recreio, e que os miúdos poderiam fazer o seu luto em privado, por detrás dos grandes edifícios.

Finalista do National Book Critics Circle Award 2019
Vencedor dos Prémios Melbourne 2018 e Windham-Campbell 2020

Melhor Livro de 2019 para as revistas *New Yorker* e *Publishers Weekly*
Melhor Livro de 2020 para o jornal *New Statesman*

Concebido ao longo de uma década e considerado pela crítica um dos melhores livros de não-ficção dos últimos anos, *Axiomático*, de Maria Tumarkin, funde ensaio, reportagem e biografia para, de forma absolutamente original, escrever sobre o trauma, a perda, a memória e os condicionalismos sociais que moldam a nossa experiência e psicologia.

Em cinco longos capítulos inventivos e profundamente empáticos, cada um deles partindo de um conhecido *axioma*, ou verdade inquestionável (como *O tempo cura todas as feridas* ou *Aqueles que esquecem o passado estão condenados a repeti-lo*), Maria Tumarkin vai ao encontro de histórias verdadeiras — as de uma comunidade que procura lidar com uma onda de suicídios juvenis no seu sistema escolar, a aventura de uma avó que rapta o seu neto para o proteger da sua própria família ou o retrato nos nossos dias de uma criança sobrevivente do Holocausto — para descrever as fragilidades das nossas instituições e da sociedade em geral em lidar de forma eficaz e justa com aquilo que mais a afeta: o peso do passado coletivo e a história pessoal e íntima dos indivíduos que a compõem.

ELSINORE entre nós e as palavras 20 20 editora	ISBN 978-989-564-741-5  9 789895 647415 Ensaio
YOU ARE WELCOME TO WWW.ELSINORE.PT	